

O CHAMADO DO CHTHULUCENO: FABULAÇÕES ESPECULATIVAS E ENSINO DE BIOLOGIA

THE CALL OF CHTHULUCENE: SPECULATIVE FABULATIONS AND BIOLOGY TEACHING

LA LLAMADA DEL CHTHULUCENO: FABULACIONES ESPECULATIVAS Y ENSEÑANZA DE BIOLOGÍA

Luiza Dantas Benttenmüller Amorim¹, Shaula Máira Vicentini de Sampaio²

Resumo

Diante das devastações do Antropoceno, é possível nos engajarmos em colaborações com os seres mais que humanos e suas diversas ontologias a fim de resistirmos juntos às catástrofes que se anunciam e imaginarmos outras histórias possíveis para o mundo? Neste artigo, tomamos as teias multiespécies do Chthuluceno e as fabulações especulativas de Donna Haraway (2023) como convocações para pensarmos em biologias mais atentas à alteridade dos seres ctônicos e às coexistências que permitiram o estabelecimento das diferentes formas de vida ao longo da história evolutiva da/na Terra. Assim, discutimos sobre os desdobramentos de uma oficina de escrita fabulativa realizada com licenciandos em biologia, despertando reflexões quanto aos vários mundos que vieram a existir através da criação de histórias que conjugam saberes biológicos às múltiplas formas dos seres habitarem as ruínas do planeta. Pensamos nas fabulações especulativas como potencializadoras de imaginações, permitindo que vislumbremos refúgios em tempos de colapso ecológico.

Palavras-chave: fabulação especulativa; Chthuluceno; escritas multiespécies; educação ambiental.

Abstract

Given the Anthropocene's devastations, is it possible to engage in collaborations with more than human beings and their diverse ontologies in order to resist the impending catastrophes together and imagine other possible stories for the world? In this paper, we take the Chthulucene's multispecies webs and Donna Haraway's (2023) speculative fabulations as calls to think about biologies that are more attentive to the otherness of chthonic beings and the coexistences that allowed the establishment of different forms of life throughout the evolutionary story of/on Earth. Thus, we discussed the developments of a fabulative writing workshop carried out with biology students, arousing reflections about the various worlds that came into existence through the creation of stories that blend biological knowledge with the multiple ways in which beings inhabit the planet's ruins. We think about speculative fabulations as ways to boost imagination, letting us catch a glimpse of refuges in times of ecological collapse.

Keywords: speculative fabulation; Chthulucene; multispecies writings; environmental education.

Resumen

Ante la devastación del Antropoceno, ¿es posible que colaboremos con los seres más que humanos y sus diversas ontologías para que resistamos juntos las catástrofes que se avecinan e imaginar otras historias posibles para el mundo? En este artículo, tomamos las redes multiespecies del Chthuluceno y las fabulaciones especulativas de Donna Haraway (2023) como convocatorias para pensar en biologías más atentas a la alteridad de los seres ctónicos y a las coexistencias que permitieron el establecimiento de las diferentes formas de vida a lo largo de la historia evolutiva de/en la Tierra. Así, discutimos sobre los desarrollos de un taller de escritura fabulativa realizado con estudiantes de biología, lo que suscitó reflexiones sobre los diversos mundos que surgieron a través de la creación de historias que combinan conocimientos biológicos con las múltiples formas en que los seres habitan las ruinas del planeta. Pensamos que las fabulaciones especulativas potencian las imaginaciones, permitiéndonos vislumbrar refugios en tiempos de colapso ecológico.

Palabras clave: fabulación especulativa; Chthuluceno; escritos multiespecies; educación ambiental.

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil. E-mail: luizadbamorim@gmail.com

² Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil. E-mail: shaula.maira@gmail.com

*Mundo,
você interpenetra minha malha. Os deuses como gavinhas
ainda sobem por minha espinha, estrelas são minhas lágrimas,
pássaros dão asas aos meus pés, leões lambem meus cabelos,
mas a rede da humanidade me vestindo é tão fina
que a velha alma escapa, peixe escorregadio,
cínica borboleta, sombra de um corvo.
O que eu deveria dizer no discurso
que rasga a teia em pedaços,
a língua do meu povo assassino?
Cantar pode curar o mar?³*

Ursula K. Le Guin

1. Semeando estórias porvir

Como criar trajetos possíveis nas ruínas do Antropoceno? Como caminhar junto com seres *mais que humanos*⁴ que exibem modos de vida tão plurais, mas que têm suas estórias⁵ evolutivas entrelaçadas às nossas e permanecem existindo e resistindo à catástrofe? Como convocamos os seres que habitam as profundezas da imaginação para que possamos ensaiar outras biologias? Esses são alguns questionamentos que nos inquietam quando pensamos nas reverberações das discussões sobre Antropoceno no ensino de biologia. Como escreve Ursula Le Guin (2012) no fragmento do poema “*When there aren’t any*” que trouxemos para abrir este artigo: “cantar pode curar o mar?” Podemos, enquanto professores e professoras de biologia, inventar outros modos de ensinar e fazer ciências num mundo em colapso? Modos mais abertos à multiplicidade de seres que existem na Terra e que seguem enfrentando os efeitos da mutação climática junto conosco. Em meio a tantas incertezas e retrocessos quanto à legislação ambiental no Brasil nos últimos anos, indo desde o Projeto de Lei nº 2159 de 2021⁶, popularizado como “PL da Devastação”, até as votações em favor do “marco temporal”, que é tão combatido por povos indígenas e seus aliados, não é raro que sejamos tomados por uma sensação de paralisia e impotência diante das catástrofes ecológicas que se

³ “World, / you interpenetrate my mesh. The tendriled gods / still climb my spine, stars are my tears, / birds wing my feet and lions lick my hair, / but the net of mankind wears so thin / that the old soul falls through, slick fish, / cynic butterfly, shadow of a crow. / What shall I say in the speech / that tears the web to shreds, / the tongue of my killing people? / Can singing heal the sea?” (Le Guin, 2012, p. 73). A tradução é de nossa responsabilidade.

⁴ Algumas autoras, como Donna Haraway (2023) e Anna Tsing (2021), trazem o termo “mais que humano” em suas obras para se referirem à multiplicidade de formas de vidas na Terra, incluindo as ontologias humanas, mas também excedendo-as, provocando questionamentos quanto ao dualismo natureza-cultura no qual se baseiam as sociedades modernas.

⁵ Ao longo do texto, optamos por utilizar a grafia “estórias”, assim como Haraway (2023) faz em seu livro, como uma forma de nos referirmos tanto a acontecimentos tidos como reais quanto ficcionais, compreendendo-os como potenciais criadores de realidades e de discursos sobre o mundo.

⁶ Dispõe sobre o licenciamento ambiental; regulamenta o inciso IV do § 1º do art. 225 da Constituição Federal; altera as Leis nºs 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, e 9.985, de 18 de julho de 2000; revoga dispositivo da Lei nº 7.661, de 16 de maio de 1988; e dá outras providências. Brasília, Câmara dos Deputados, 2025. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/148785>. Acesso em 09/08/2025.

anunciam. Por vezes, quando abrimos os noticiários, somos assombrados por pronunciamentos que parecem sussurrar as palavras do terrível Capitão Davidson, antagonista do livro “Floresta é o nome do mundo”, de Le Guin (2020, p. 13):

Você se preocupa com veados, árvores e cânhamo, tudo bem, é o que interessa a você. Mas eu gosto de colocar as coisas em perspectiva, de cima para baixo, e em cima, até o momento, estão os humanos. Agora nós estamos aqui, por isso este mundo vai funcionar do nosso jeito. Goste ou não, é um fato que você vai ter que encarar, acontece que é assim que são as coisas.

No momento desta fala, Davidson está tentando convencer o ecólogo Kees Van Sten de que não há problema em caçar veados no Planeta 41, local em que se passa a estória do livro, apesar de existir uma lei marcial que proíbe tal prática por conta do perigo de extinção desses animais. Kees então o lembra de que o planeta Terra daquele universo foi transformado num deserto de cimento, sem vegetação ou ecossistemas funcionais por conta da destruição causada pelos terráqueos. Mesmo assim, apesar dos avisos de Kees, as convicções antropocêntricas do Capitão Davidson não se abalam e ele permanece liderando a feroz exploração do Planeta 41 em nome do desenvolvimento. Esse é um modo de existir muito marcante do tempo atual em que vivemos, o qual muitos estudiosos denominam de Antropoceno. No Antropoceno, tudo aquilo que não corresponde à ambição neoliberal de “progresso” é visto como um atraso, como algo passível de ser exaurido, explorado e exterminado. Como discute Ailton Krenak (2019), as pessoas que nutrem laços profundos com a terra, tais quais os povos indígenas, caiçaras, quilombolas e aborígenes, possuem uma “organicidade” que incomoda as corporações neoliberais, tendo suas ontologias e modos de vida constantemente silenciados e esmagados pelos processos de colonização.

Não queremos mais uma vez remontar ao eureka de Crutzen e Stoemer na criação do nome Antropoceno e nem entrar nos meandros da recusa do “cartório dos geólogos” (Viveiros de Castro, 2023, p. 34) ao Antropoceno como o nome de uma nova época geológica. Mas é interessante pensarmos no que destaca Eduardo Viveiros de Castro (2023, p. 34) de que este tempo de colapso se caracteriza pela convergência de uma crise em dobro: “a do capitalismo tardio e da aceleração exponencial das mudanças antropogênicas na ecologia planetária, a chamada ‘Grande Aceleração’”.

Infelizmente, não existem soluções simples para lidarmos com a catástrofe ecológica que se já se manifesta, porém, como nos provoca Donna Haraway (2023, p. 96), “a desordem estabelecida não é necessária: outro mundo não é só urgentemente necessário, como também é possível – mas só se não sucumbirmos ao feitiço do desespero, do cinismo ou do otimismo, nem ao discurso de crença/descrença do Progresso.” Habitar um outro mundo não é uma opção, mas sim uma necessidade. Não outro mundo no sentido de “outro planeta”, como o Planeta 41 da estória de Ursula Le Guin, mas um mundo capaz de se abrir a outros arranjos multiespécies. Para isso, urge questionar determinados discursos sobre ambiente e sociedade que são postos como hegemônicos pelo neocolonialismo, o qual repudia e afasta modos mais

cuidadosos de lidar com o outro, para que possamos propor outras composições entre seres. Até porque, em tempos de desastre ecológico, são necessários mundos que se abram à diversidade, às múltiplas ontologias e às várias formas de existir e de se relacionar com os demais organismos que habitam a Terra para permitir o surgimento de novas tramas interespecíes que resistam à catástrofe e adiem o fim do mundo. Agrada-nos pensar nessa ideia de adiamento, de postergar o fim, também como uma artimanha como a de Sherazade contando sempre mais uma estória por mil e uma noites. Estórias amalgamadas, rizomáticas, que permitiam a existência de mais um dia. Uma estratégia para seguir vivendo, sonhando, compondo mundos. Krenak (2022, p. 37) fala que “não podemos nos render à narrativa de fim de mundo que tem nos assombrado, porque ela serve para nos fazer desistir de nossos sonhos, e dentro dos nossos sonhos estão as memórias da Terra e de nossos ancestrais”.

Quais estórias sobre o mundo propagamos em nossas aulas de biologia? Que relações com os seres mais que humanos habitam os currículos de biologia e as nossas práticas docentes? De que formas, enquanto professores de biologia, podemos fazer o currículo dançar e cantar e tecer outras formas de habitar a Terra? Neste texto, argumentamos que precisamos contar estórias que fujam da narrativa desesperançosa de fim de mundo e façam florescer novas ideias, vidas e sonhos. Estórias mais abertas à diferença e que nos façam vislumbrar existências outras nas ruínas do Antropoceno; não apenas nas ruínas de mundos findados, mas também naqueles que permanecem existindo e resistindo à catástrofe. Estórias de relações menos destrutivas e mais generativas. Quais outras relações com o mundo podemos fazer proliferar através da criação e contação de estórias?

Para isso, decidimos caminhar junto com as reflexões de Haraway (2023) quando a mesma questiona as dimensões tão totalizantes e paralisantes do Antropoceno e propõe outros modos de pensar a Terra e sua trajetória evolutiva através das lentes multiespécies do Chthuluceno⁷, o tempo da vida. Assim, buscamos refletir e colocar em prática uma biologia mais “vulnerável e com os pés no chão que aglomera agências e estilos de vida não harmônicos, responsáveis tanto por suas histórias dispares herdadas quanto por seu futuro comum – quase impossível, mas absolutamente necessário” (Haraway, 2021, p. 16) para que possamos produzir olhares mais atentos aos seres que nos rodeiam e proporcionemos a germinação de mundos que foram (e continuam sendo) invisibilizados pelos processos de colonização e exploração.

Como poderíamos habitar as frestas do currículo e instigar reflexões sobre as formas como nos relacionamos com o planeta? Como poderíamos convidar os seres mais que humanos para fazerem parte de nossas aulas sem submetê-los a múltiplos confinamentos (Vieira; Gomes, 2023) e objetificações decorrentes da lógica de excepcionalidade humana?

⁷ Apesar da semelhança na grafia, Haraway (2023) reforça que seu Chthuluceno nada tem a ver com o monstro Cthulhu criado por H. P. Lovecraft em estórias de ficção científica. Porém, a autora também se aproveita da imagem monstruosa que evoca quando fala sobre o Chthuluceno, apontando que os seres ctônicos “são monstros no melhor sentido do termo: eles demonstram e performam a significatividade material dos processos e dos bichos da terra, e também demonstram e perfomam suas consequências” (p. 14). Inspiradas por essas confusões entre palavras, decidimos entrar na brincadeira e redigir o título deste artigo como uma alusão à estória “O Chamado de Cthulhu” de Lovecraft, mas trocando-o pelo Chthuluceno de Haraway.

Ao abordarem os espaços discursivos para os animais no currículo da disciplina escolar Biologia, Vieira e Gomes (2023, p. 1169) salientam que “é preciso desviar de pressupostos calcados na objetificação e esvaziamento da agência dos animais no mundo”. Em nossa argumentação, gostaríamos de alargar esse debate para pensar as agências dos demais seres que se emaranham nos currículos de ciências e biologia.

Como poderíamos falar sobre o funcionamento de seus organismos e de sua importância ecológica incluindo, também, os humanos nessas complexas redes de relações multiespécies? Essas são algumas questões que movem esta escrita, que decorre, em parte, de uma dissertação intitulada “Escritas multiespécies para habitar o Chthuluceno” (Amorim, 2023), na qual são tecidas discussões quanto ao colapso ecológico e a emergência de outros mundos possíveis através de práticas de experimentação com a ficção e a fabulação especulativa. Além disso, neste artigo, também tecemos discussões quanto a uma oficina de invenção de escritas ficcionais junto com estudantes de Biologia, permitindo a imaginação de novos futuros permeados por saberes biológicos.

2. Tempos de fins e de (re)começos

Apesar da proliferação que temos visto ocorrer com o termo Antropoceno desde a virada do século, fazendo aparições nas grandes mídias e em diversos estudos científicos, Haraway traz questionamentos a ele, apontando que talvez o conceito não propicie que sejam feitas reflexões sobre as tramas multiespécies que compõem o planeta. Mas é importante tecer algumas considerações sobre Antropoceno, entendendo-o mais como um conceito do que como uma nomenclatura científica conferida a um determinado período geológico⁸. E isso requer pensar nas implicações deste termo. Como interroga Dipesh Chakrabarty (2023, p. 8), reverberando uma discussão feita por diversos pensadores:

Por que nomear esse período com o nome de todos humanos ou da espécie humana, o *anthropos*, quando sabemos que são os ricos, dentre os humanos, ou a instituição do capitalismo, ou a economia global, os responsáveis, de maneira causal (e portanto moral?) por essa mudança na nossa condição?

Bruno Latour (2020b, p. 102), por sua vez, pondera que “apesar de todas as críticas feitas a esse conceito, o prefixo ‘anthropos’ aplicado a um período geológico é de fato o sintoma de uma repolitização das questões planetárias”. “Somos forçados a *redistribuir* por completo o que antes se chamava natural e o que se chamava social ou simbólico” (Latour,

⁸ Há muitos debates entre a comunidade de geociências quanto à possível oficialização do termo Antropoceno como uma época geológica que sucederia o Holoceno, tendo em vista os diversos efeitos da ação humana sobre os sistemas da Terra. Porém, como ainda não foram elencados registros fósseis suficientes para demarcar o início exato do Antropoceno, o comitê de cientistas da União Internacional de Ciências Geológicas decidiu não inseri-lo formalmente na Tabela Cronoestratigráfica Internacional até o momento (LEHG, 2024).

2020a, p. 195). Tsing (2019, p. 228) também tece críticas ao conceito, mas escolhe permanecer com ele para colocar em relevo o entendimento de que Antropoceno é “uma época em que a habitabilidade de múltiplas espécies passou a ser ameaçada”. O que ela busca salientar em sua obra é que, para lidar com os desafios do Antropoceno, “precisamos prestar mais atenção às socialidades interespecies das quais todos nós dependemos” (Tsing, 2019, p. 238).

Mas, ao nos depararmos com esses debates, indagamos: quantas histórias sobre o mundo foram perdidas nos processos de colonização europeia, onde se buscava impor uma ideia de “verdade universal” ao privilegiar um modo único de existência humana? Quantos seres terranos tiveram suas singularidades e subjetividades podadas pela dominação do *anthropos* colonizador? É possível escapar dessa história de fins? Até porque, “se desenvolvimento é um dos motores do Antropoceno, então o massacre de populações sub-humanas e não-humanas é seu combustível” (Fausto, 2020, p. 267).

Como afirma Haraway (2023, p. 94), o discurso do Antropoceno “mina nossa capacidade de imaginar e cuidar de outros mundos – tanto aqueles que existem de maneira precária agora [...] como aqueles que precisamos trazer à existência em alianças com outros bichos, em favor da recuperação ainda possível de passados, presentes e futuros”. Dessa forma, apesar de o Antropoceno se colocar como esse “cosmocosso”⁹ que dita tantos encerramentos, descontinuidades e extinções, Haraway (2023) nos lembra que a Terra carrega uma história muito mais extensa e complicada. Uma história contada através das intrincadas tramas multiespécies, que vivem, morrem e retomam seus ciclos coevolutivos a todo instante: a história do Chthuluceno.

Chthuluceno é um termo proposto por Haraway (2023) para nomear todo o período de existência da vida na Terra, contemplando as múltiplas relações possíveis entre os seres vivos e o planeta. A autora discute que o Chthuluceno teria se iniciado junto com o surgimento da vida na Terra, há cerca de quatro bilhões de anos, e se estenderia até a extinção de todo e qualquer ser vivo em futuros longínquos. Diferentemente do Antropoceno, o Chthuluceno seria um período muito mais extenso na história planetária, englobando diversos períodos menores e indo muito além dos limites da vida humana e dos processos de colonização. Vale destacar que os seres humanos também compõem essa trama de muitas vidas; não no papel de protagonistas heróicos ou vilanescos, mas sim no papel de uma entre múltiplas espécies que compõem a grande ninhada dos seres ctônicos que coexistem e criam raízes pela Terra: “os seres humanos não estão numa pilha de composto à parte. Nós somos húmus, não Homo, nem antropos. Somos composto, não pós-humano” (Haraway, 2023, p. 103).

Apesar de Chthuluceno ser uma palavra incomum e de pronúncia não tão simples, Haraway (2023) explica que ele tem a ver com as diversas forças anciãs e tentaculares que se espalham pelo planeta e são conhecidas como Naga, Gaia, Tangaroa, Terra, Haniyasu-hime,

⁹ Latour (2020a) desenvolve a ideia de cosmocosso como uma figura do pensamento sobre o Antropoceno, um monstro meio ciclone e meio Levitatã, que materializa o horror vivenciado pelos modernos ao encararem o novo sistema climático que se instaura neste momento: “o quadro físico que os Modernos haviam considerado líquido e certo, o solo sobre o qual sua história sempre se desenrolara, tornou-se instável” (p. 17-18).

Spider Woman, Panchamama, Oyá, Gorgo, Raven, A'akuluujjusi e muitas outras. O que a fez chegar a essa nomenclatura foi um encontro inesperado com a espécie *Pimosa cthulhu*, uma aranha que vive nas florestas de sequoias próximas de sua casa na Califórnia. Essa criatura foi importante para a construção do pensamento de Haraway porque, assim como outras espécies, ela sempre habita uma região específica e se relaciona com seres específicos: “ninguém vive em todos os lugares; todo mundo vive em algum lugar. Nada está conectado a tudo; tudo está conectado a alguma coisa” (p. 58). A autora explica que a palavra *cthulhu* presente no nome científico dessa aranha remete às entidades abissais e elementares que “infundem seus tecidos por toda a parte, apesar dos esforços civilizadores dos agentes dos deuses celestes para astralizá-los e estabelecer unicidades supremas” (p. 59), evocando reflexões quanto às tramas multiespécies que sempre construíram, coletivamente, a história da Terra.

A autora propõe, assim, a palavra Chthuluceno como uma forma de fazer emergir os diversos emaranhamentos de temporalidades e espacialidades e os entrelaçamentos de uma miríade de entidades em múltiplos arranjos multiespécies, compondo teias de fabulação especulativa, feminismo especulativo e ficção científica. Desse modo, Chthuluceno é o resultado da junção das palavras gregas “*khthon*” e “*kainos*”, significando um espaço-tempo no qual devemos aprender a “ficar com o problema” e lidar com as questões planetárias. Haraway discute que “*kainos*” poderia ser traduzido como um tempo de inícios, mas sem desconsiderar as ações do passado e o que pode vir a ser do futuro. É uma palavra que traz consigo as histórias coevolutivas das espécies da Terra e como essas relações foram se alterando ao longo do tempo: “*kainos* pode ser cheio de heranças, de recordações, e também de porvires, do cultivo daquilo que ainda pode vir a ser. Entendo *kainos* como uma presença densa, contínua, com hifas que se infundem por toda sorte de temporalidades e materialidades” (Haraway, 2023, p. 14).

A proposição de Haraway de pensar *kainos* a partir da imagem de hifas fúngicas, que se emaranham e se estendem por todo o solo em busca de conexões e formam complexas redes subterrâneas, desdobra outros pensamentos e imagens. Os fungos são organismos que podem sobreviver em terras assoladas pela destruição, construindo íntimas relações com a matéria orgânica que se desprende dos corpos inertes. Os fungos nos fazem lembrar que a decomposição não é um processo de fins, mas de recomeços, permitindo que a vida floresça em locais aparentemente inabitáveis e inabitados. Além disso, os fungos bordam com as plantas modo de existências, pois “ser fungo é estar em constante associação” (Pereira, 2025, p. 45). Talvez essa seja a ideia de *kainos*, um tempo de transformações, no qual morte e vida caminham lado a lado ao longo da evolução e *onde-quando* nunca existimos solitariamente, estamos sempre em relação.

Por outro lado, Haraway explica que a palavra “*khthon*” se refere aos seres ctônicos: aqueles que se conectam à Terra. O termo se refere a todos os organismos que compõem a história evolutiva, espalhando-se por todo o planeta e assumindo uma pluralidade de formatos de acordo com os diferentes ambientes aos quais se associam. Os ctônicos possuem patas, pelos, tentáculos, dentes, garras, folhas, flagelos, cílios, raízes e espinhos. “Eles são um enxame que zumbe, pica e suga neste exato momento” (Haraway, 2023, p. 103), povoando o

mundo e compondo os grandes ciclos biogeoquímicos da Terra ao estabelecerem intrincadas redes de relações multiespécies. Os ctônicos são terraformadores, construindo vagarosamente, ao longo da história evolutiva, as complexas dinâmicas geológicas e climáticas do planeta. A Terra como a conhecemos é fruto de um esforço conjunto entre numerosos seres ctônicos, os quais compõem as potências bióticas e abióticas responsáveis por escrever as histórias do/no mundo através de ricos agenciamentos multiespécies que enlaçam passados, presentes e porvires:

É evidente que, desde o princípio, os maiores de todos os terraformadores (e reformadores) planetários foram, e ainda são, as bactérias e seus parentes, também envolvidos em uma miríade de tipos de inter-intra-ação (que incluem as pessoas e suas práticas, tecnológicas e de outros tipos). Milhões de anos antes do desenvolvimento da agricultura humana, a propagação das plantas pela dispersão de sementes transformou consideravelmente o planeta, assim como muitos outros eventos históricos revolucionários, ecológicos e evolutivos do desenvolvimento (Haraway, 2023, p. 179).

A história do Chthuluceno sempre foi construída coletivamente através de arranjos complexos e, por vezes, inesperados entre seres ctônicos que interagem com o ambiente em que vivem, transformando-o em algo novo. Pensando sobre isso, como podemos nos inspirar nos agenciamentos entre os ctônicos e suas trilhas coevolutivas para refletirmos quanto às nossas condutas diante do desastre ecológico? Como nos distanciarmos dos modos excessivamente humanos de viver no mundo e elaborarmos novos nós na trama multiespécies do Chthuluceno ao estabelecermos alianças mais que humanas? Como aponta Haraway (2023, p. 125), “este é o momento em que as artes para viver em um planeta devastado demandam pensamento e ação simpoiéticos.” Talvez esse modo de caminhar juntos, buscando existências menos individualistas e mais simpoiéticas¹⁰, seja um caminho possível para continuarmos resistindo ao Antropoceno:

Seguindo as instruções de espécies companheiras de uma miríade de reinos terranos em todos os seus lugares-tempo, precisamos ressemear nossas almas e nossos mundos natais a fim de florescer – novamente, ou talvez pela primeira vez – em um planeta vulnerável que ainda não foi assassinado. Precisamos não só ressemear, mas também reinocular com todos os associados que fermentam, fomentam e fixam os nutrientes de que as sementes necessitam para prosperar. [...] Semear mundos é abrir a história das espécies companheiras para abarcar mais de sua implacável diversidade e de seus problemas urgentes (Haraway, 2023, p. 213-214).

¹⁰ Em seu livro, Haraway (2023, p. 111) define simpoiese como “uma palavra simples, que significa ‘fazer-com’” e a coloca como “uma palavra apropriada para designar sistemas complexos, dinâmicos, responsivos, situados e históricos”, construindo o argumento de que os seres da Terra estariam sempre em relação uns com os outros, nunca sozinhos.

O chamado contundente dessa pensadora no excerto acima nos convoca a redirecionar e repensar coisas novas sobre o que fazemos e o que sonhamos em educação. Como podemos semear histórias outras e fazermos emergir novos futuros menos sombrios com os demais seres ctônicos que habitam o planeta junto conosco? Como podemos criar laços e relações mais gentis com esses seres para resistirmos à catástrofe do Antropoceno e seguirmos tecendo a malha multiespécies do Chthuluceno? Que outras ontologias podem germinar ao imaginarmos vivências mais coletivas entre seres? “O que deve ser cortado e o que deve ser amarrado para que o florescimento multiespécie, incluindo seres humanos e alteridades não humanas em parentesco, possa ter alguma chance na Terra” (Haraway, 2023, p. 15)? Talvez, pensar junto com o Chthuluceno de Haraway e suas histórias de coevolução e cocriação entre seres ctônicos possa nos ajudar a “ficar com o problema” e vislumbrar outras formas de existirmos e resistirmos ao colapso ecológico.

3. Fabular mundos outros no Chthuluceno

Pensando com as ideias de Donna Haraway sobre Chthuluceno e as jornadas coevolutivas dos seres ctônicos, gostaríamos de refletir sobre como essas proposições podem atravessar o fazer docente de educadores em ciências e biologia e germinar práticas pedagógicas mais atentas às existências mais que humanas. Para isso, buscamos inspiração em uma experimentação com a escrita relatada por Haraway no capítulo final de seu livro “Ficar com o problema” (2023). Nesta experimentação, que surgiu a partir de uma oficina denominada *Narration Spéculative* (Narração Especulativa) em um colóquio organizado por Isabelle Stengers, os participantes foram divididos em pequenos grupos e receberam a proposta de criar uma escrita fabulativa que envolvesse, de alguma forma, a imaginação de um bebê que fosse capaz de atravessar cinco gerações humanas. Assim, Haraway formou um trio com o cineasta Fabrizio Terranova e a etóloga Vinciane Despret e, juntos, eles embarcaram na tarefa de dar vida a essa fabulação durante uma semana. Após trocas intensas de ideias entre os três, gerando múltiplas possibilidades de mundos fabulados, delineou-se o universo ficcional de Camille e as Crias do Composto. Essas histórias, então, foram sendo desenvolvidas pelo trio de pesquisadores para além do período da oficina, por vezes sozinhos e por vezes em escritas conjuntas, gerando múltiplas versões dos mundos de Camille e compondo caminhos possíveis de fabulação a partir dos fios lançados na proposta da oficina.

Dessa forma, no capítulo final de seu livro *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*, Haraway (2023) narra a sua versão das histórias de Camille e as Crias do Composto. Como a autora explica, são histórias que nos “convidam a participar de um tipo de ficção de gênero compromissada com o fortalecimento das formas de propor futuros próximos, futuros possíveis e presentes implausíveis” (p. 244) através de agenciamentos coletivos entre seres humanos que migram para lugares em ruínas a fim de trabalharem junto com outros seres “para curar esses lugares, construindo redes, trilhas, nós e teias de e por um mundo novamente habitável” (p. 247). São fabulações que nos fazem refletir sobre “como

viver nas ruínas ainda habitadas, com os fantasmas e os vivos também” (p. 249) através de práticas inventivas de gerar parentescos com os seres ctônicos para que possamos provocar transformações nos modos de pensar e de fazer outros mundos diante do Antropoceno.

Nessas estórias, que seguem o rastro de cinco gerações de Camilles e as demais Crias do Composto (denominadas compostistas), são narradas criações de parentescos estranhos entre seres humanos e animais em risco de extinção por conta da destruição ambiental e das mudanças climáticas. Esses parentescos se estabelecem na comunidade de compostistas através de alterações genéticas em seus bebês humanos, que fazem com que estes estejam vinculados a simbioses animais, como borboletas-monarca, peixes, falcões, lagostins e morcegos, como possibilidades de criar laços outros com esses seres e permitir florescimentos multiespécies em tempos de perigo e devastação:

O objetivo das alterações não era a mimese [dos animais simbioses], mas sugestões carnavais, trançadas em práticas pedagógicas inovadoras de devir-com natural-social que podiam contribuir com a prosperidade da simbiose ao longo de cinco gerações humanas determinadas a restabelecer vidas e lugares devastados, humanos e não humanos. Em sua expressão mais redutora, o objetivo era dar [...] uma chance de ter um futuro em uma época de extinção em massa (p. 267).

Dessa forma, *Camille 1* foi um dos bebês compostistas que sofreu alterações gênicas durante a gestação e recebeu um conjunto de genes de borboletas-monarca, compreendidas pela comunidade do Composto como uma das espécies-chave de “um vasto movimento interconectado de uma miríade de bichos que vivem e morrem juntos” (p. 257) ao participarem de grandes correntes migratórias que estavam prestes a desaparecer no continente americano. Por conta dessas alterações gênicas, *Camille 1*, aos cinco anos, exibia padrões e faixas em tons de amarelo e preto em sua pele que lembravam os de lagartas monarca em seus estágios avançados de desenvolvimento. Depois, aos quinze anos, sua pele foi adquirindo os tons esmaecidos das crisálidas das monarcas e, já na vida adulta, exibia padrões e coloração vibrante em tons de laranja e preto como os das borboletas adultas. Alguns anos depois, *Camille 2*, que também recebeu genes de borboletas-monarca quando bebê, decidiu por realizar alterações corporais mais profundas, inserindo implantes das antenas dessas borboletas em seu queixo para que conseguisse “saborear mais vividamente os mundos dos insetos voadores, cujo paladar também se tornaria parte do legado do simbiote humano” (p. 272). Contudo, os modos de existência dos compostistas que nascem e vivem em simbiose com esses animais em risco de extinção vão muito além de alterações corporais. Eles também se engajam fortemente em ativismos com/por esses seres e buscam modos de entender como esses bichos habitam as ruínas de tantos mundos que já foram destruídos.

As estórias de Camille são fabulações que levantam debates relacionados às tecnologias, às ciências, aos laços entre seres ctônicos e como os seres humanos se inserem nas complexas tramas multiespécies do Chthuluceno. São escritas que materializam as

diversas redes de conexão entre ficção científica, feminismo especulativo e fabulação especulativa para se cultivar existências que resistam aos fins de mundos. Pensando sobre isso, como podemos nos engajar em invenções de mundos outros em tempos de desastres ecológicos? As práticas de fabulação especulativa podem nos ajudar a provocar reflexões quanto ao planeta em que vivemos e a imaginar histórias mais coletivas e mais atentas às tramas multiespécies da Terra, cultivando e inventando “as artes de viver com e por mundos situados e degradados – não como uma abstração ou uma tipologia, mas como parte desses lugares arruinados, vivos e moribundos, e de sua defesa” (Haraway, 2023, p. 258-259). As fabulações especulativas exercitadas por Haraway são constantemente atravessadas pelas ciências e pelas mudanças sociais decorrentes dos avanços tecnológicos, mobilizando histórias das mais diversas culturas humanas e mais que humanas na construção de seus enredos que trafegam por teias multiespécies. Elas são tentativas de fazer surgir outras possibilidades de convivência com os seres ctônicos: “nessas histórias, os jogadores multiespécies, entramados em traduções parciais e imperfeitas através da diferença, refazem os modos de viver e morrer sintonizados com o florescimento finito ainda possível, com a recuperação ainda possível” (p. 25). São histórias que nos permitem entrever possibilidades de sobrevivência tanto para seres humanos quanto para as várias espécies que estamos arrastando conosco para a catástrofe.

Dessa forma, inspiradas pelas fabulações especulativas de Haraway (2023) e de outras pesquisadoras que também conduzem trabalhos nessa interface entre ciências e fabulação, como Le Guin e Despret, decidimos colocar em prática uma oficina de experimentação com a escrita que permitisse imaginações de outros mundos possíveis e de biologias mais conectadas às redes multiespécies do Chthuluceno. Essa oficina foi realizada com uma turma de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal Fluminense, no dia 06/12/2023, durante uma disciplina de Educação Ambiental, ministrada pela professora Shaula Sampaio, e buscava promover reflexões quanto às histórias coevolutivas dos seres da Terra e como essas ideias podem permear nossas práticas enquanto professoras e professores de ciências e biologia em tempos de desastre ecológico.

Tendo em vista que, ao longo do semestre, os licenciandos já haviam lido e debatido obras de diversos autores que discutem as questões ecológicas do Antropoceno a partir de diferentes abordagens teóricas, como Alyne Costa (2022), Ailton Krenak (2022) e Antônio Bispo dos Santos (2018), optamos por iniciar a oficina conversando brevemente sobre as ideias que atravessam a pesquisa de Haraway (2023) e suas histórias de Camille, convidando-os a pensar sobre as fabulações especulativas como formas de vislumbrarmos futuros menos sombrios para o planeta. Então, pedimos para que eles fechassem os olhos e se imaginassem passeando livremente por algum lugar. Poderia ser uma caminhada pelo chão da floresta, um voo entre as nuvens do céu, um mergulho nas profundezas do mar, um passeio no mundo microscópico... Até que, durante esse percurso, eles se imaginariam encontrando algum ser mais que humano, seja um animal, planta, fungo, bactéria ou outro organismo, e tomassem um tempo para observar aquele ser com atenção, estudando bem os seus detalhes, movimentos, cheiros, cores e comportamentos. A finalidade desse exercício era ajudá-los a criar minuciosa e inventivamente a existência imaginada desses seres.

Após esse breve momento de observação, pedimos para que os estudantes anotassem em um papel quatro características curiosas, inesperadas, que eles tenham identificado naqueles organismos. Poderia ser um par extra de asas, uma cicatriz nos olhos, um odor específico, um barulho estranho, uma queimadura nas patas, uma mancha escura nos tentáculos, uma pelagem que crepitasse com eletricidade... A ideia é que fossem características que, por algum motivo, eles não imaginassem encontrar descritas em livros didáticos que abordassem as biologias e sistemas dessas entidades mais que humanas. Essa etapa da oficina, além de promover uma intimidade ainda maior dos estudantes com os seres imaginados, foi pensada de modo a delinear as individualidades desses seres enquanto sujeitos, indo além do papel de “espécimes” que costumam assumir quando são convocados nos livros didáticos e nas aulas clássicas de biologia. Como sublinham Vieira e Gomes (2023, p. 1169), “é preciso lembrar que animais não estão dados na natureza, muito menos nos currículos escolares”, possuindo heterogeneidades e identidades próprias que tendem a ser apagadas nas ciências modernas. Isso nos faz pensar sobre como podemos convidar esses seres para as nossas práticas docentes de formas menos objetificadoras, estimulando a germinação de biologias outras para que imaginemos convivências mais íntimas com os mais que humanos.

Então, com aqueles seres já delineados na imaginação dos estudantes, pedimos para que eles fizessem o exercício de experimentar assumir os pontos de vista dos organismos inventados e, a partir das quatro características que eles redigiram anteriormente no papel, especulassem sobre como aqueles seres relatariam a existência delas. Seriam aquelas características comuns em sua espécie? Ou seriam marcas resultantes de algum combate? Ou talvez aquele ser já tivesse nascido/surgido daquela forma? Ou seria algo que ele gosta de carregar em seu corpo? Ou um símbolo que denotaria o seu pertencimento a algum coletivo específico? Com base nessas e outras ponderações, os estudantes deveriam formular e redigir brevemente a história de vida daquele ser, assumindo seu ponto de vista. Sugerimos que eles tentassem imaginar quais seriam os interesses daquela entidade mais que humana; quais os seus desejos de vida; se ela sempre viveu sozinha ou se pertence a algum grupo; quais as suas relações com outros seres... A ideia dessa escrita, a partir de um ponto de vista não humano, era a de instigar os estudantes a se deslocarem de suas subjetividades excessivamente humanas e compreenderem aquele ser como um indivíduo com identidade e histórias próprias. Não como um espécime genérico ou um “objeto de estudo”, mas como um sujeito em si mesmo. Essa é uma tarefa importante para refletirmos sobre as redes multiespécies do Chthuluceno enquanto professores de biologia visto que, como aponta Juliana Fausto (2020, p. 208), “ver do ponto de vista do outro ou ‘senti-lo sentir em nós’ são algumas das maneiras de descrever o processo pelo qual a escrita pode, de alguma forma, encontrar um canal de comunicação intermundos”. Isso nos faz pensar sobre quais tipos de biologias podem emergir em comunicações fabulativas com os mundos mais que humanos no Antropoceno.

Quando os estudantes terminaram de redigir as histórias de vida dos seres que imaginaram, solicitamos que eles se dividissem em duplas com os colegas de turma e compartilhassem entre si o que escreveram até aquele momento. Após as duplas terem

compartilhado as histórias dos seres inventados com seus parceiros, pedimos para que eles imaginassem um cenário hipotético em que aquelas duas entidades mais que humanas convivessem juntas no mesmo habitat. Porém, ocorreria algum desastre ecológico no ambiente em que habitam, podendo ser tanto um acontecimento de grande magnitude, como uma enchente ou um terremoto, quanto algo de menor extensão geográfica, como um despejo de compostos radioativos em um pequeno lago. O ponto principal era que esse desastre específico fosse capaz de provocar mudanças profundas nos modos de existência dos organismos, forçando-os a colaborar entre si para sobreviverem; não com a finalidade de fugir desse desastre ou de solucioná-lo de alguma forma, mas de cultivarem outras formas de coexistirem naquele novo ambiente. Até porque, como nos lembra Fausto (2020, p. 166), “qualquer mudança, mesmo uma provocada pelo acaso, encontra uma resposta criativa na forma da reconfiguração dos entes em conexão com aquilo que mudou”.

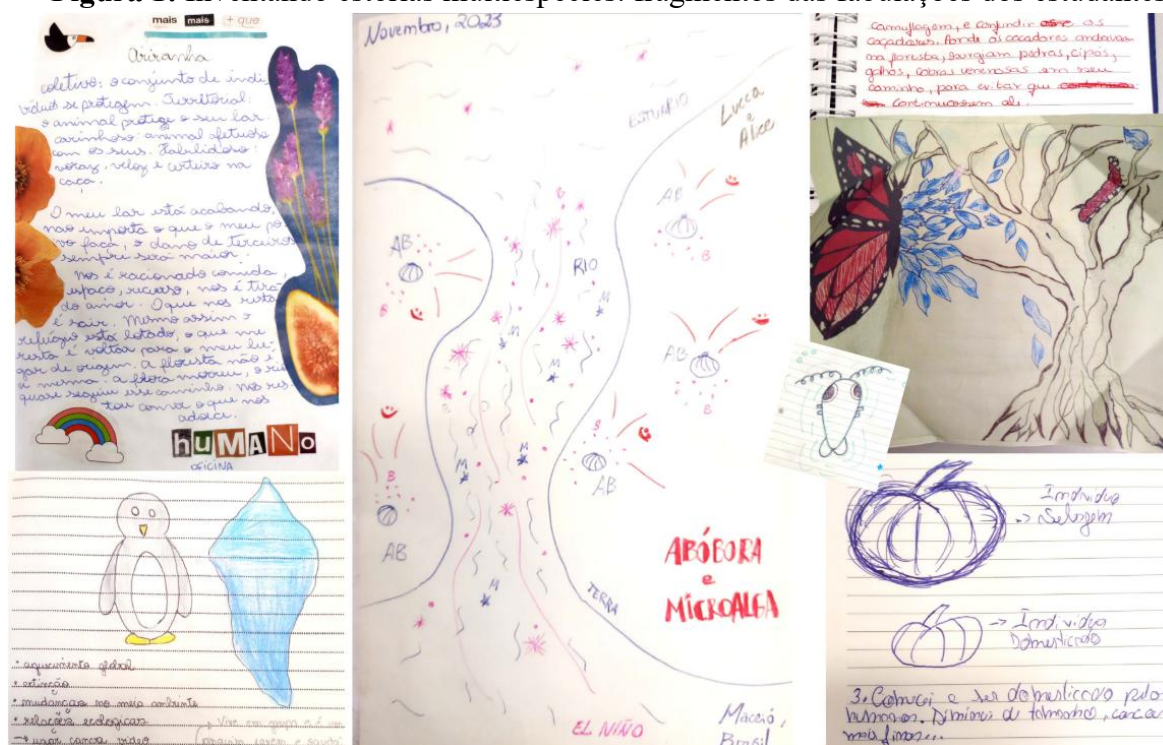
O ambiente em que eles vivem já não é o mesmo de antes, necessitando de formas mais criativas e colaborativas para habitarem as ruínas. “Os seres da Terra são preensíveis, oportunistas, prontos para misturar parceiros improváveis em um algo novo, algo simbiogenético. Espécies companheiras coconstitutivas e a coevolução são a regra, não a exceção” (Haraway, 2021, p. 42). A intenção de agruparmos os estudantes em duplas sem contar-lhes, de antemão, sobre o desafio de seus seres fabulados sobreviverem juntos a um desastre ecológico foi uma provocação para que eles pudessem especular essas alianças improváveis interespecies sobre as quais discute Haraway. Não necessariamente alianças entre seres que já participam de relações mutualísticas, por exemplo, mas seres que talvez nunca tenham se encontrado na história evolutiva. Que possibilidades de vidas, de coexistências e de coletivos podem surgir em um mundo em que a sobrevivência encontra-se ameaçada? Como cultivamos alianças improváveis com os seres da Terra para seguirmos resistindo ao Antropoceno? Como diz Fausto (2020, p. 286), “a tristeza de cada extinção costuma ser contrabalançada pela alegria do surgimento de novas espécies, novos povos, novas e outras formas de mundificação. A vida [...] procede assim, por experimentação, em um ciclo contínuo de criação, adaptação e morte”.

Então, na última etapa da oficina, pedimos para que os estudantes escrevessem sobre e/ou desenhassem como ocorreu essa cooperação multiespécie que eles imaginaram. Como seriam os herdeiros dessas histórias? Como os seus corpos se alterariam devido ao desastre e à colaboração interespecies? As próximas gerações ainda exibiriam as características de seus ancestrais? Como o próprio ambiente foi se alterando por essa relação mutualística/simbiótica com o passar do tempo? Como as vidas permaneceram germinando e se proliferando nas ruínas? Essas foram algumas das perguntas que lançamos aos estudantes a fim de instigar suas fabulações especulativas, buscando formar conexões entre resistências possíveis em meio às ruínas com as histórias coevolutivas dos seres da Terra.

4. Escritas especulativas com seres mais que humanos

A partir dessa oficina de fabulação especulativa realizada com estudantes de licenciatura em Ciências Biológicas, diversos mundos inventados passaram a existir, sendo habitados por entidades mais que humanas que sobrevivem e resistem à destruição em movimentos de colaboração com outros seres. Ainda, novas estórias coevolutivas começaram a compor os arranjos multiespécies do Chthuluceno, trazendo outras possibilidades de convívio com os demais seres que habitam o planeta junto conosco. Na Figura 1, apresentamos alguns dos materiais produzidos pelos estudantes durante a oficina, conjugando tanto os textos escritos quanto as ilustrações que compuseram seus processos criativos. Depois, exibimos algumas de suas fabulações, as quais interligam saberes biológicos com a imaginação de outras associações possíveis entre os seres da Terra. As estórias transcritas em *itálico* a seguir correspondem tanto às escritas em si quanto às falas dos estudantes no final da oficina, em um momento em que compartilharam suas produções com o restante da turma.

Figura 1: Inventando estórias multiespécies: fragmentos das fabulações dos estudantes.



Fonte: Fotomontagem elaborada pelas autoras (2025)

Estória 1

Sou a Cucurbita maxima, eu tinha uma casca bem grossa antigamente e meus antepassados eram selvagens. Quando meus antigos predadores deixaram de existir, comecei a ser domesticada pelos humanos e tive algumas mudanças. Tenho a cor alaranjada quando estou madura e minhas cascas ficaram mais finas. Outros animais agora conseguem se alimentar de mim, inclusive os humanos. Fomos tão domesticadas que existem diferentes espécies de cucurbitas e algumas de nós foram plantadas pelos humanos na margem de um estuário em Maceió. Durante o El Niño, período em que a água fica muito quente, microalgas que vêm do mar penetram a minha casca e sobrevivem em meu interior. Após várias gerações de coevolução, começaram a surgir microalgas que apenas se desenvolvem dentro de mim e já não saem para a água.

Começamos com a estória da *Cucurbita maxima*, uma abóbora muito popular na América do Sul, e de suas simbiontes microalgas que trançaram suas jornadas evolutivas às desse vegetal. Latour (2020a) afirma que deslocar nossa atenção para a zona comum a escritores e cientistas pode nos permitir entender como a Terra retroalimenta o que nós (seres que a habitamos) fazemos. Lançamos essa proposta aos estudantes para que tateassem essas fronteiras entre ciência e ficção. Seguimos agora para as margens do rio que desemboca num estuário e nos deparamos com uma lontra carregando uma lata de alumínio.

Estória 2

A lontra vivia em um rio que começou a ser poluído e a água desse rio ficou muito ácida, por isso ela tinha partes do corpo sem pelo. A lata foi um lixo que ela pegou por engano no rio, achando que era um peixe, e como o rio ficou muito poluído, ela teve que ir embora. Então, ela foi em busca de um rio próximo ao mar e uma família de orcas estava seguindo ela. A lontra subiu num iceberg em que também havia um pinguim e aconteceu um tsunami que levou os dois para uma ilha deserta onde não havia o alimento que eles estavam acostumados. Logo, tiveram que se adaptar a comer as coisas que a ilha oferece. No entanto, o mar ao redor estava cheio de baleias orcas querendo se alimentar do pinguim e da lontra. E a lontra teve que se adaptar a não comer o pinguim.

Nessa estória cheia de reviravoltas, apesar da ameaça constante de seus predadores aquáticos, a lontra e o pinguim conseguiram desenvolver uma relação inesperada e improvisada que os permitiu continuar vivendo por mais tempo, mas essa coabitação também trará consequências. Vizinhanças estranhas, ecologias daninhas (Tsing, 2019), mundos em perturbação. Como nos lembra Haraway (2021, p. 40), “coabitar não é sinônimo de fofura e sentimentalismo. [...] O relacionamento é multiforme, perigoso, não terminado, permeado de consequências”.

Estória 3

Lobo-guará: *Muitos anos atrás, nós lobos-guarás fomos expulsos de nosso lar. Nosso líder por sua vez guiou-nos para um lugar distante. Nesse lugar, eu só vejo corações ou algo parecido e são doces. Minha mãe diz que o lugar nos adotou e começamos a possuir e a nascer com o cheiro desse lugar. Pisamos sempre nesses corações¹¹ e os cheiramos. Acabei absorvendo essa cor, mas, para não nos esquecermos de onde viemos, todos somos marcados com uma listra preta, pois de onde vim as árvores eram escuras como a noite. Próximo aos corações, habita um bom amigo, o velho pescador. Amo o seu jardim a ponto de um novo ser em mim habitar. Desde quando comecei a frequentar o jardim, ele me adentrou assim como os corações. Sei que algo eu absorvi porque nado com mais facilidade e é algo que espero transmitir para os meus filhos algum dia.*

Plâncton: *Eu sou um plâncton e estou vivendo. Você deve estar se perguntando como eu vim parar em um jardim. Bom, eu nasci em águas geladas e só tinham uns ovos ao meu lado, que acredito serem meus irmãos. Bom, acabei por ser levado por uma rede de pesca e acabei chegando nesse jardim. Hoje eu tive uma visita que me levou a viver em outro lugar. Eu só me lembro de sentir um cheiro doce no ar e de ser levado para dentro de um corpo, o corpo de um lobo-guará. De início, fiquei com medo, mas quando me dei conta, estava dentro de um lugar pulsante cheio de câmaras. Acho que era o seu coração. Eu estava dentro de um líquido novamente e podia respirar normalmente, liberando oxigênio no meio. Eu não podia ver por onde meu novo amigo lobo ia, mas podia sentir, pois a cada aventura o coração pulsava de forma diferente. Isso tudo aconteceu por conta de uma praga que assolou os campos de morango.*

Ao acompanharmos a estória do plâncton que passou a se abrigar no coração de um lobo-guará, seguimos as andanças desses dois seres por terras devastadas. Mesmo que o plâncton não tenha escolhido se alojar no corpo do lobo de início, os dois buscaram formas de “ficar com o problema”, como propõe Haraway (2023), e compor colaborações improváveis para resistirem à destruição dos campos de morango. Até porque, a partir do momento em que se associaram, suas vidas passaram a se ligar intrinsecamente, com o plâncton necessitando do sangue do lobo para respirar enquanto o lobo necessita do plâncton para nadar com mais facilidade. Neste exercício, os estudantes especulam maneiras de reconstituir refúgios, de unir forças para “viver e morrer bem como bichos mortais no Chthuluceno” (Haraway, 2023, p. 183).

¹¹ Durante sua fala, a estudante nos explicou que aquilo que o lobo-guará chama de corações, na verdade, trata-se de morangos.

Estória 4

Abelha: *Eu nasci no apiário natural do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Minha vida era ótima. Eu tinha uma família grande e também muitas amigas, que às vezes eram outras abelhas ou plantas, flores e outros animais. Um dia, um humano tentou me matar pois voei perto demais do seu filho, mas eu JURO que não ia machucá-lo, só queria ver ele mais de perto e sentir seu cheiro doce (acho que eles esfregam flores no pescoço para cheirarem bem). E o que eu recebi em troca? Um tapão bem dado! Ai não aguentei. Fiz minhas malas e saí mato a fora. Anos se passaram e fiz uma bengala com um gravetinho.*

Rato: *Eu nasci em uma grande família, tinha vários irmãos e uma mãe que cuidava de mim. Por um tempo, não enxergava ou andava, mas sentia o calor dos meus irmãos e o pelo macio e confortável da minha mãe que me envolvia com o seu rabo peludo. Enquanto eu crescia, vivíamos em tocas na terra, onde não podíamos ser pegos por ninguém. Sempre havia um grande gato nos espiando quando saíamos. Um dia, eu estava no campo à procura de comida quando observei muitos homens, criaturas grandes e más, destruindo o lindo campo de flores com grandes máquinas. Na minha rota de fuga, encontrei uma linda flor cor de sangue, ela tinha um cheiro delicioso de café. Ela estava conversando feliz com uma abelha. Perguntei por que não estavam fugindo e a abelha disse que não seria rápida o suficiente, enquanto a flor disse que não tinha como se mover. Ofereci que a abelha subisse em mim para que pudéssemos fugir. A abelha, de contragosto, se despediu da flor, mas levou seu pólen para que ela nunca mais fosse esquecida. Viajamos muito até encontrar um belo campo de flores amarelas que foram polinizadas pela abelha. Juntos, eu e a abelha vimos lindas flores laranjas com cheiro de café, como sua antiga amiga. Nunca esquecerei da minha linda flor e do meu lindo campo que foi destruído.*

Essa fabulação, que conta sobre a necessidade de ratos, abelhas e flores abandonarem seus lares por conta da ação humana, nos convoca a refletir sobre o Antropoceno como um tempo de mortes, mas também sobre aquilo que é capaz de brotar após a destruição. Como podemos manter vivas as memórias dos tantos seres que já se foram enquanto propomos novos arranjos multiespécies para sobrevivermos ao desastre? Nesse sentido, pensamos nas experimentações com a escrita como formas de decidir “que histórias cultivar, em quais se lançar e quais considerar como aquelas que melhor promovem o surgimento de saídas” (Fausto, 2020, p. 332).

Estória 5

Cogumelo: *Eu sou um guardião silencioso das eras, uma testemunha ininterrupta do tempo que flui como um rio por entre as raízes da terra. Cresci e me desenvolvi quando o mundo ainda dava o seu primeiro suspiro. Enquanto as estações dançavam e as criaturas transitavam pela terra, permaneci imutável na minha essência, testemunha do nascer e do findar de inúmeras vidas. Nos recantos silenciosos da floresta ou nos campos abertos, eu estive presente. Uma presença tranquila e*

constante. Com cada ciclo de vida e morte ao meu redor, absorvi as histórias entrelaçadas nos ventos, nos murmúrios das águas e nos sussurros das folhas. O renascer é o meu dom e minha responsabilidade, uma queda mágica que ecoa com a história e a ancestralidade dessa terra. Quando o tempo impõe o seu peso sobre seus seres, eu testemunho o fim e, em seguida, abro as portas para um novo começo.

Perereca: *Após tanto observar aquele rio em que sempre aparece algo brilhante, a perereca que não tem nome decide se aproximar do rio para, de alguma forma, fazer parte dele. Infelizmente, ela foi atravessada por uma tragédia. Ao encontrar-se totalmente imersa sob as águas que um dia tanto adorou, via-se em uma situação crítica onde, pouco a pouco, mesmo após muita luta, sentiu suas forças se esvaindo. Um sentimento de desespero subitamente a acometeu. Quem irá se lembrar de mim? Quem vai sentir a minha falta? Foi então que, perto de seus últimos suspiros, ao finalmente alcançar a margem, ela se depara com cogumelos, os guardiões das histórias. Eles a acolheram, a tranquilizaram e garantiram que ela seria lembrada, que sua história seria contada porque seu caminho fazia tão parte deles quanto o deles fazia parte dela agora.*

Com essa oficina de escrita, assim como os cogumelos anciãos que permanecem contando e recontando as histórias do mundo, gostaríamos de incentivar os estudantes a especularem, imaginarem e inventarem histórias de relações multiespécies que, de alguma forma, entrelacem vida e morte, início e fim e destruição e recuperação para que possamos vislumbrar existências outras nas ruínas do Antropoceno. Como aponta Fausto:

Isso pode parecer muito pouco – contar histórias – “à sombra de toda essa morte”, mas só seria o caso se as histórias fossem consideradas também como fora do mundo. Elas, entretanto, não só são do e no mundo como fazem mundos, rearticulando passados, presentes e apontando para outros futuros (2020, p. 305).

As histórias criadas por meio de exercícios de fabulação especulativa não versam apenas sobre um mundo que já existe, mas irrompem por dentro deste mundo, lançando tentáculos, raízes e flagelos que se espalham em nossas mentes e fazem fermentar ideias de outras realidades possíveis em meio à destruição. Realidades em que possamos tecer colaborações improváveis, como plânctons que habitam corações de lobos-guará ou pinguins que constituam refúgios juntos de lontras. Essas são histórias que nos fazem imaginar que outras possibilidades de convívio com os demais seres da Terra conseguimos colocar em prática para seguirmos resistindo coletivamente ao Antropoceno e herdando os seus fins para que, mais uma vez, a vida possa florescer diante do caos. “Ocupe Fukushima - e todas aquelas ruínas em que ainda devemos viver. Ocupar é dedicar-se ao trabalho de viver juntos, mesmo onde as possibilidades estejam contra nós” (Tsing, 2019, p. 87). Contar histórias, fabular, escrever, inventar é também uma forma de ocupar ruínas de um mundo em desmoronamento, em que até mesmo a capacidade de imaginar e criar mundos nos é, muitas vezes, subtraída.

Para seguirmos contando histórias...

As fabulações especulativas de Haraway (2023) nos convidam a exercitar novos olhares para o planeta e para a longa história coevolutiva dos diversos seres que se emaranham em teias de conexões e inscrevem suas existências no Chthuluceno, o tempo da vida. Ao colocarmos essas ideias em movimento em oficinas de escrita com licenciandos em biologia, buscamos provocar reflexões sobre como as fabulações especulativas podem atuar como nossas aliadas enquanto professores, mobilizando tanto conhecimentos científicos quanto a potência da imaginação para experimentarmos “uma dimensão brincante do pensamento [...] [de modo a] desfazer certas ordens cristalizadas e incluir algumas novidades e estranhamentos” (Guimarães, 2019, p. 47) em nossas práticas pedagógicas. Esses movimentos nos ajudam a vislumbrar outros tipos de biologias que sejam mais abertas à pluralidade e à diferença, possibilitando “abrir outras janelas para olhar as diversidades da vida e do mundo” (Silveira, 2015, p. 35) a fim de cultivarmos novos encontros e intimidades com as demais criaturas da Terra. São práticas que nos convocam a refletir sobre quais outros saberes e significados podem surgir a partir de “uma biologia mais proseável [...] menos preocupada à credulidade da ciência” (Silveira, 2015, p. 33) e como podemos convidar as fabulações para o campo da educação como meios de suscitar a invenção de novas realidades.

Em tempos de extermínios de tantos mundos, faz-se necessário povoar o mundo com outras histórias, tanto aquelas que já existem, mas que são incessantemente silenciadas pelos processos de colonização, quanto outras que germinam através de encontros atentos com as existências mais que humanas do Chthuluceno. Para isso, como discute Latour (2020a, p. 66), é preciso “que aceitemos permanecer abertos à vertiginosa alteridade dos existentes – cuja lista não é fechada – e às múltiplas formas que eles têm de existir ou de se relacionar entre si”. São essas aberturas à alteridade que nos permitem imaginar relações entre microalgas e abóboras, lontras e pinguins, pererecas e cogumelos... Histórias que talvez não viessem a existir caso nos ativessemos às narrativas individualistas que movem as sociedades modernas e minam as nossas capacidades de inventar e fazer brotar emaranhamentos inusitados com os seres ctônicos.

Como sugere Thiago Ranniery (2018), as ficções e as fabulações são capazes de fazer surgir o que ainda não existe e provocar questionamentos quanto aos limites da nossa realidade. Elas nos fazem pensar em quais outros mundos são possíveis. Em quais modos de vida desejamos cultivar a fim de resistir ao desastre ecológico e conviver com os seus efeitos. Em quais outras relações poderíamos tecer com as criaturas da Terra para seguirmos coexistindo e bordando novos pontos na gigantesca trama multiespécies do Chthuluceno. Mas também em quais biologias gostaríamos de semear enquanto professores e professoras. Biologias mais plurais e abertas à diversidade, que estimulem uma visão mais imaginativa sobre o mundo, que nos permitam especular outras maneiras de coabitar com os demais seres da Terra. É possível semear e experimentar outras ciências e biologias em tempos de Antropoceno? Talvez as fabulações especulativas nos deem pistas de mundos outros, nos quais lobos-guarás possam escutar as histórias de cogumelos anciãos ao mesmo tempo em que

caminham por campos de flores que exalam aroma de café. Estórias sobre vidas arruinadas, mas que insistem em habitar as ruínas dos vários passados, presentes e futuros multiespécies.

Referências

AMORIM, Luiza Dantas Benttenmüller. **Escritas multiespécies para habitar o Chthuluceno**. 2023. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2023.

CHAKRABARTY, Dipesh. A significância humana do Antropoceno. In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; SALDANHA, Rafael Mófreita; DANOWSKI, Déborah. (org). **Os mil nomes de Gaia: do Antropoceno à idade da Terra: volume 2**. Rio de Janeiro: Editora Machado, 2023.

COSTA, Alyne. O Antropoceno é o nosso tempo. In: MOULIN, Gabriela; MARQUEZ, Renata; ANDRÉS, Roberto; CANÇADO, Wellington. (org.). **Habitar o Antropoceno**. Cosmópolis: BDGM Cultural, 2022.

FAUSTO, Juliana. **A cosmopolítica dos animais**. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A nau incendiária da ficção. In: Mirian Celeste Martins; Alessandra Ancona de Faria; Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi. (Orgs.). **Formação de Educadores: contaminações interdisciplinares com arte na pedagogia e na mediação cultural**. São Paulo: Terracota Editora, v. 1, p. 44-53, 2019.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. Tradução: Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Tradução: Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno**. Tradução: Maryalua Meyer. Rio de Janeiro: Ubu Editora, 2020a.

LATOUR, Bruno. **Onde Aterrar?** Tradução: Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020b.

LE GUIN, Ursula K. **Finding My Elegy: new and selected poems, 1960-2010**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2012.

LE GUIN, Ursula K. **Floresta é o nome do mundo**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Editora Morro Branco, 2020.

LEHG - Laboratório de Epistemologia e História da Geografia. Em votação, cientistas negam que estejamos no Antropoceno, a época geológica dos humanos. **Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas**, Campinas, 2024. Disponível em: <https://www.ige.unicamp.br/lehg/em-votacao-cientistas-negam-que-estejamos-no-antropoceno-a-epoca-geologica-dos-humanos/>. Acesso em 18/08/2025.

PEREIRA, Ana Paula Valle. Estórias fúngicas entrelaçando escritas com outros seres por uma ciência lenta. **Revista Alegrar**, n. 35, p. 36-46. 2025.

RANNIERY, Thiago. Vem cá, e se fosse ficção? **Práxis Educativa**, v. 13, n. 3, p. 982-1002. 2018.

SANTOS, Antônio Bispo. Somos da terra. **Revista Piseagrama**, n. 12, p. 44-51, 2018.

SILVEIRA, Eduardo. Encontros com Riobaldo e as biodiversidades textuais no ensino de biologia. **Espacios Transnacionales**, v. 3, p. 32-40. 2015.

TSING, Anna Lowenhaupt. O Antropoceno mais que Humano. **Ilha – Revista de Antropologia**, v. 25, n. 1, p. 176-191. 2021.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

VIERA, Túlio; GOMES, Maria Margarida. Currículo Interespécies: o confinamento de animais no ensino de Biologia. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 16, p. 1167-1188. 2023.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A revolução faz o bom tempo: utopia e entropia. In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; SALDANHA, Rafael Mófreita; DANOWSKI, Déborah. (org). **Os mil nomes de Gaia**: do Antropoceno à idade da Terra: volume 2. Rio de Janeiro: Editora Machado, 2023.

Recebido em: agosto de 2025

Aceito em: dezembro de 2025

Revisão gramatical realizada por: Monika Benttenmüller Amorim
E-mail: monikaamorim@yahoo.com.br